

## A TRANSCRIÇÃO E A LOGOTERAPIA NA DRAMATURGIA COM VENEZUELANOS REFUGIADOS

THE TRANSCREATION AND LOGOTHERAPY IN DRAMATURGY WITH VENEZUELIAN  
REFUGEES

**Gabriel Fontoura Motta<sup>i</sup>**

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

**Suzi Frankl Sperber<sup>ii</sup>**

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

DOI: <https://doi.org/10.21680/2595-4024.2022v5n1ID28117>

**Resumo:** Um psiquiatra austríaco tenta compreender o processo de continuar vivo depois de ter sido preso em Auschwitz. Um imigrante refugiado venezuelano tenta compreender o processo de continuar resistindo depois de escapar de um trabalho escravo em Manaus, na Amazônia. Este trabalho mergulha no processo criativo de Voz para Cumaná.<sup>iii</sup>

**Palavras-chave:** Transcrição; Logoterapia; Migrações Venezuelanas; audiodrama.

**Abstract:** An Austrian psychiatrist tries to understand the process of staying alive after being imprisoned in Auschwitz. A Venezuelan refugee immigrant tries to understand the process of continuing to resist after escaping from slave labor in Manaus, in the Amazon. This work delves into the creative process of Voz para Cumaná.

**Keywords :** Transcreation; logotherapy; Venezuelan migrations; audiodrama.

## 1. ENTE VENEZUELANO – recuo pedagógico através do conceito de Transcrição de Haroldo de Campos e dos estudos em Tradução de Max Bense

A pesquisa de iniciação científica “Do medo à resiliência: a construção de uma dramaturgia a partir do testemunho de imigrantes venezuelanos refugiados no Sul do Brasil” nasce a partir da necessidade de compreender o fenômeno de “Ente Venezuelano”. A descrição do que é “ser” um venezuelano a partir da descrição do brasileiro. O ente venezuelano é resultado da vivência do autor com alunos de teatro que vieram a integrar o projeto contemplado pela lei Aldir Blanc / 001 – 2020 do Fundo de Apoio à Cultura (FAC DIGITAL RS) do Estado do Rio Grande do Sul. O aporte financeiro de R\$1.200,00 divide-se e paga-se R\$200,00 ao elenco cada e R\$300,00 para o diretor sonoro e para o design da identidade visual a partir da lei emergencial de apoio à cultura. O valor do “prêmio” não paga a criação de uma série de três episódios ensaiada e gravada em meio à pandemia de corona vírus entre ensaios através do Google Meet, Zoom e gelados domingos pela manhã do primeiro semestre de 2020. O episódio nº 02 “Wake UP – ou como acordar para o amanhã”<sup>iv</sup> é o escolhido para apresentar Pedro Bravo. A resiliência trazida por Pedro dialoga com os diferentes perfis de cidadãos identificados, ou não, com o governo Chavista, mas que mantém no ente venezuelano a necessidade de compreender o brasileiro como ser que mantém um padrão de perfil social.

A capacidade de o indivíduo lidar com problemas, adaptar-se a mudanças, superar obstáculos e resistir à pressão de situações adversas é chamado de resiliência, e esta é uma característica presente nos venezuelanos que conheci em Roraima.<sup>v</sup> (BENINGER; SILVA, 2018, p. 12)

A Associação da Solidariedade e da Cidadania (AVESOL) – pertencente à rede Marista abre as portas para que o autor apresente o projeto pedagógico do curso “Português com Teatro” em que abordamos aulas de gramática, escrita, pronúncia e escuta a partir do material teórico disponibilizado pela Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) "Pode entrar: Português do Brasil para refugiadas e refugiados". Esta cartilha contém informações básicas para a apresentação do idioma com a brilhante intersecção do mercado de trabalho e das necessidades primárias que o ser migrante encontra no Brasil. O compartilhamento da cultura através do olhar humanitário, plural e horizontal desenvolvido por Talita Amaro de Oliveira, editora responsável da obra, apresenta o desenvolvimento de aptidões diárias, como ir à padaria, revisar documentos migratórios e acessar ao Sistema Único de Saúde, atrelado às múltiplas culturas locais do país grande em extensão territorial que é o Brasil.

A gente fez uma avaliação com refugiados e refugiadas antes, para levantar quais eram as principais demandas deles, as principais dificuldades deles no Brasil, e fomos tentando criar uma ordem de prioridade nos conteúdos; eles vão se elevando de complexidade conforme o vocabulário vai aumentando, vão conseguindo ter um acesso melhor à língua (Depoimento de Talita Amaro para o portal g1.globo.com).

É a partir de tentar entender a necessidade dessas pessoas recém-chegadas ao Sul do Brasil que se consegue experimentar o conteúdo didático com teatro. Todos os sábados, das 14h às 17h, de 07 de setembro de 2019 a 07 de março de 2020 os primeiros 60 minutos eram de Português. Depois do intervalo o restante da aula era teatro. Os Jogos Teatrais de Viola Spolin, como a máscara colombiana, e os improvisos a partir do Teatro de Jornal do Teatro do Oprimido de Augusto Boal

serviram como mediação para encontrarmos a necessidade, durante as aulas, de se entender o brasileiro a partir de exercícios teatrais, improvisos e cenas que aconteciam durante a aula.

O primeiro passo é entender o brasileiro. Pensar como o brasileiro pensa. Pensar como louco, sabe? O brasileiro é louco porque não tem limite. O brasileiro tem 40 anos, ainda vive com sua mãe, não trabalha, não tem limite. O cara ganha 100 reais e gasta 200. O cara vai para o Serasa para esperar 5 anos para o Serasa tirar ele do “nome sujo” e ele poder fazer isso de novo. Faz mal para ele, para as lojas, para o país. Nós precisamos comprar! Mas, mais ainda, pagar nossas dívidas para termos uma nação mais forte.<sup>vi</sup>

Os encontros pedagógicos possibilitaram a afinidade necessária para manter-se o vínculo de amizade e auxílio, como na criação do grupo de WhatsApp que mantém contato com mais de 50 famílias refugiadas e funciona como um fórum de trocas de vagas de emprego, doações e informações relacionadas a documentos e serviços sociais migratórios. A oportunidade de conhecer Pedro Louzada Bravo acontece a partir da vivência também mediada pelos encontros digitais, vídeo chamadas, mensagens de texto e um encontro presencial já em meio a um mundo que não permitia mais trânsito. O lockdown possibilitou a imersão de contato entre o autor e Pedro. Assim, utilizando da transcrição como experimento de escrita, junto ao dramaturgista Clóvis Massa, foi empreendida a transcrição da entrevista com Pedro. A preocupação em apresentar, ou representar, um perfil de migrante venezuelano é trazido por Pedro enquanto, o próprio, utiliza da narrativa para descrever a interpretação do ser brasileiro.

Pedro: É a cultura. É cultural. Na Venezuela não é assim, as pessoas têm consciência. Na cultura venezuelana as pessoas crescem, trabalham, casam e têm filhos. Pronto, é isso. Aqui parece que ninguém quer ter filhos. Depois que eu comprar meu apartamento, meu carro, minhas coisas... Daí sim, eu quero ter filhos! Um vizinho, diz que está doente para não trabalhar. Ele não sabe que no futuro, todo o dinheiro que o INSS pagou para ele agora, uns 1.200 reais eu acho, ele vai ter que pagar. É só um “empréstimo” da própria aposentadoria dele. Vocês sabiam disso? Era para vocês estarem me ajudando. Não me pedindo dinheiro. Eu que sou refugiado. Eu que tenho uma família pobre na Venezuela que precisa que eu mande dinheiro, não vocês. Não acho que o senhor possa reclamar do governo se prefere não procurar emprego enquanto o auxílio emergencial está vigente.

O processo criativo com Jennifer e Carlos, assim como todos os colegas alunos do curso, trouxe na religiosidade, na fé, na política e na disponibilidade de mudança o medo como choque inicial de saída forçada do país e na resiliência a tentativa de adaptação ao novo normal – que incluiria a construção dramaturgicamente dos personagens protagonistas da série de audiodrama. As percepções do fotógrafo Chico Máx encontram olhares na mesma paleta de cores que nossos personagens compartilham com o público no Spotify.

Quando o cidadão comum, vivendo seu cotidiano comum, se depara com notícias sobre os imigrantes venezuelanos em Roraima, de maneira rápida, misturado a suas tarefas, diante de imagens de gente amontoada, associadas à violência,

criminalidade e problemas de diversas ordens, tende a formar uma ideia negativa dessas pessoas que passam a ser percebidas como um enxame de abelhas, uma massa de gente homogênea, com personalidade e propósito iguais. Surge, então, o ente "venezuelanos", que, em seu significado, não separa os indivíduos do sistema político, e este se sobrepõe às pessoas nascidas na Venezuela... (BENINGER; SILVA, 2018, p. 13).

Pedro aprofunda a necessidade de apresentar uma outra visão de seu personagem a partir da áspera crítica através da síntese dos personagens que encontrara em sua trajetória. Com a crise econômica e política que o país atravessa se mantém, ainda, a partir dos resultados de pesquisa "Impactos da Pandemia de Covid-19 nas migrações Internacionais no Brasil" (BAENINGER; FERNANDES, 2020) que 43% dos imigrantes entrevistados mantiveram o emprego mesmo durante o impacto da pandemia no mercado de trabalho.<sup>vii</sup> Em nossa história, criada junto ao personagem vindo do campo, "nativo do estado de Delta Amacuro, Venezuela. Varão da família..." (CUMANÁ.V, 2020, #EP02WakeUP) a resiliência encontrou a determinação como foco para transformar o ambiente traumático na manutenção dos empregos. Vender o celular, para comprar uma passagem aérea, trabalhar na limpeza de piscinas, como empresário de Uber ou coach de imigração são as propostas colhidas a partir do testemunho de um imigrante refugiado e transcriadas a partir da vivência com o coletivo de trabalho. A dramaturgia do episódio de Pedro encontra no mundo do trabalho a legitimação da moral do ser venezuelano como refúgio para a xenofobia trazida pelo medo. Wake UP traz a força de um imigrante em busca de trabalho, que não nega esforços

para manter-se fiel ao patrão e que acredita na família como responsabilidade para seguir em frente.

Pedro: Eu tive que fazer um trajeto muito longo para chegar até aqui. Fiquei sem nenhum recurso pela situação econômica que meu país passa, né? Eu tinha 25 milhões de bolívares na conta. Saquei tudo para vir embora para o Brasil. Isso equivalia a uns 2.500 reais, na época. Em Pacaraima eu fiquei 3 dias sem comer. Em Boa Vista eu estive 4 meses e não consegui arrumar emprego... Então, eu fui procurar um trabalho em Manaus. Trabalhei 1 ano em uma casa de advogados que nunca me pagaram. Só me davam comida e moradia. Trabalhei 1 ano e meio lá. Me mentiram. Uma vez, eu levantei às 6 da manhã. Tinha que atender 4 cachorros, uma senhora de 77 anos, fazer compras, limpar 2 piscinas e, neste dia, fui deitar à meia noite. Quando eu estava deitado, o cara me ligou...

Na obra “Da tradução como criação e como crítica” – primeira manifestação de Haroldo de Campos sobre transcrição (1963) – encontra-se a possibilidade de atravessar o original em busca da tradução de sentido. Haroldo de Campos estuda a necessidade de compreensão de tradução poética, aprofundando-se na obra original ao encontrar a impossibilidade de tradução poética “Bense fala aqui da impossibilidade de uma “codificação estética”; seria talvez mais exato dizer que a informação estética é igual à sua codificação original” (CAMPOS, 2011, p. 32) dando liberdade para o novo. A transcrição, paramórficas, ao lado do original, sendo um objeto diferente, mas criado a partir de mais olhares além da essência, aqui, como o grupo de trabalho, a instituição, as aulas, o Google Meet, las cervezas e as

histórias contadas pelos áudios e mensagens de texto quando entramos juntos em uma Nova Era de máscaras e com um vírus letal.

O tradutor e ensaísta alemão, Max Bense (1910-1990) é uma das referências trazidas por Campos para tentar traduzir o processo criativo, aqui, pandêmico. A partir da análise da obra original, a entrevista de Pedro, por exemplo, Bense apresenta três possibilidades de informações trazidas na obra; Informação Documentária, sentença registro; Informação semântica, para além do original, contendo já a informação autoral de falso e verdadeiro e a informação estética; a tentativa de tradução da estética da obra – transcrição “A informação estética, por sua vez, transcende a semântica, no que concerne à “imprevisibilidade, à surpresa, à improbabilidade da ordenação de signos” (CAMPOS apud BENSE, 2011, p. 32). Se Pedro relata a tentativa de sobrevivência em um lugar que o persegue, a obra abraça personagens ficcionalizados a partir da violência do relato original.

(Flashback)

Advogado 1: Pedro, vem aqui lavar o meu carro porque eu preciso sair amanhã cedo.

Pedro: Não, eu não vou te ajudar.

Advogado 2: Como assim, você não vai ajudar ele, Pedro?

Advogado 4: Ah, pronto!

Advogado 3: Então faz um café pra ele!

(No auditório)

Pedro: Foi aí que eu parei, desliguei o telefone e tomei a decisão.

(INSERIR O BEAT) Hoje, eu estou aqui

(Flashback)

Advogado 4: Pedro querido, senta aqui por favor?

Pedro: (senta)



Advogado 2: Então, rapaz... Eu gosto muito de ti.

Advogado 1: Eu também.

Advogado 3: (silêncio)

Advogado 4: Todos nós gostamos. Você trabalha muito bem e tu não vai sair daqui. Eu te quero só aqui, entendeu? Você trabalha só aqui e, se eu souber que você trabalhou para qualquer outro, aí as coisas vão complicar para você, meu amigo...

Pedro: (rindo de nervoso)

Advogado 2: Sabe que as últimas pessoas que trabalharam aqui... Algumas saíram como ladrões, outras não voltaram... Eu não sei, mas a gente gosta muito de novela (risos).

Advogado 1: (risos)

Advogado 4: (risos)

Advogado 3: (para os outros advogados) quê?

Pedro: (perplexo)

Advogado 2: Tem novela lá também Pedro?

Advogado 3: Sim! Na Bolívia, né? Ou será no Peru?

(No auditório)

Pedro: E então meus camaradas... Eu iria ser o novo mártir da telenovela, né?

Já viram Maria do Bairro? Ela foi presa, não foi? Foi acusada de ladrona!!!

Foi então que tudo mudou.

(TRILHA SONORA MOTIVACIONAL RÍTMICA COMO A DE ASSALTO DO FILME "ONZE HOMENS E UM SEGREDO").

Pedro (com ritmo crescente): Eu fui em uma loja de telefones, mas de operadora – que é mais fácil. Comprei um A50 da Samsung novinho no crediário com a documentação da família. Lá eles pedem os registros de quem seria “responsável” pelo imigrante. A loja analisou a família para qual eu trabalhava e aceitou a compra – também porque ligaram para o Advogado 2 e ele, sem saber para o que era, recomendou eu abrir crédito na loja.

No mesmo dia que eu comprei o telefone, eu o vendi para os imigrantes senegaleses que lucram bastante vendendo coisas na rua (eles vendem muito bem). Com o dinheiro eu comprei as passagens. Mas quando o advogado 3 chegou em casa...

Neste exemplo utilizamos da sentença registro de Max Bense, ou seja, da informação documentária da chegada de Pedro a Manaus, do vínculo com a família de advogados e da exploração submetida para transacionarem nossa análise já para a informação semântica, emitindo a informação verdadeira da conduta da família sendo transcrita através da informação estética – personificando advogados com diálogos ácidos e persecutórios a Pedro. Bense desenvolve o conceito de “fragilidade da informação estética” (CAMPOS apud BENSE, 2011, p. 32) Diferente da informação documentária e semântica, a informação estética pode ser transmitida de várias maneiras, mas igual à sua codificação original – ou seja, pelo artista autor, aqui Pedro Bravo.

Na informação documentária e na semântica, prossegue Bense, a “redundância” (isto é, os elementos previsíveis, substituíveis, que podem ser reconstituídos por outra forma)

é elevada, comparativamente à estética, onde ela é mínima: “a diferença entre informação estética máxima possível e informação estética de fato realizada é na obra de arte sempre mínima”. A informação estética é, assim, inseparável de sua realização, “sua essência, sua função está vinculada a seu instrumento, a sua realização singular”. De tudo isto, conclui: O total de informação de uma informação estética é em cada caso igual ao total de sua realização [donde], pelo menos em princípio, *sua intraduzibilidade* [...] em outra língua, será uma outra informação estética, ainda que seja igual semanticamente. Disto decorre, ademais, que a informação estética não pode ser semanticamente interpretada. (CAMPOS apud BENSE, 2011, p.32)

## 2. LOGOTERAPIA (a responsabilidade como busca de sentido do psiquiatra dr. Viktor Frankl a partir da construção de uma nova realidade dentro de si sob o conceito de Pulsão de Ficção da dra. em Literatura Suzi Frankl Sperber)

A realidade reconstituída pelo escritor e psiquiatra de Viena dr. Viktor Frankl coloca a obra “Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração (1987)” como referência na tentativa “costurar débeis filamentos de uma vida semidestruída e construir [...] um significado e uma responsabilidade – este é o objetivo e o desafio da logoterapia” (ALLPORT, G. *Em Busca de Sentido*, 1954, p. 01). A partir de relatos escritos através da memória e do testemunho do prisioneiro autor desta obra, entendemos a experiência do campo em capítulos que o autor analisa sob o viés psicológico para a resistência: do medo inicial à

resiliência em busca de resistência. Se, para Frankl, “o amor próprio, quando ancorado em áreas mais profundas, espirituais, não pode ser abalado pela situação do campo de concentração” (1954, p. 47) a batalha contra a fome, o medo e a necessidade de fuga encontram na força de continuar existindo para si próprio a pulsão de ficção na narrativa de Pedro.

Pedro: Estudar oratória me ajudou em todas as áreas de trabalho, em todos relacionamentos sociais, com a família, laborais e afetivos. Manipular a situação para o bem de todos, é isso que todos nós queremos. Com a oratória eu consegui descobrir coisas que estavam ocultas em mim. Ver se a pessoa está te ouvindo, te entendendo... Ou se estão compreendendo outra coisa. É praticamente adivinhar o que a pessoa está pensando enquanto falamos. Entender tudo o que está em volta de uma conversa. As pessoas têm uma face, uma composição de olhos, boca, nariz. A oratória faz você ter uma conversa que desperte o interesse da outra pessoa. Eu aprendi a interagir com todos os tipos de pessoas. E isso me ajudou muito, porque percebo quando a pessoa está me enrolando (risos). Eu sei quando eu estou perdendo meu tempo.

A espiritualidade (Geist<sup>viii</sup>) (FRANKL, 1954 .48) que o prisioneiro encontra a partir de longa batalha dentro de si para reconstituir um ambiente interno de responsabilidade por três fatores diferentes, segundo a logoterapia: criando um trabalho, ou praticando um ato; experimentando algo ou encontrando alguém; pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável. Para o autor, estar experimentando o campo era inevitável. Então, a partir da tentativa de criação de

outra realidade interna, tentando ficcionalizar um mundo pelo qual ele precisa se responsabilizar para continuar existindo, fez com que praticasse ações que poupassem, todos os dias, aos poucos, mais ainda sua vida. Experimentar a sensação ficcional de encontrar os entes queridos, na obra bastante salientado pela referência à esposa, foi outra forma de manter-se fiel à sobrevivência – tão ameaçada aos prisioneiros, como no capítulo “Análise da Existência Provisória”.

A depreciação total da realidade oriunda da forma provisória de existência do recluso acaba seduzindo a pessoa a entregar os pontos completamente, a abandonar-se a si mesma, visto que de qualquer forma "tudo está perdido". Essas pessoas estão se esquecendo de que muitas vezes é justamente uma situação exterior extremamente difícil que dá à pessoa a oportunidade de crescer interiormente para além de si mesma. Em vez de transformar as dificuldades externas da vida no campo de concentração numa prova de sua força interna, elas não levam a sério a existência atual, e depreciam-na para algo sem real valor. Preferem fechar-se a esta realidade ocupando-se ainda apenas com a vida passada.

A logoterapia como técnica aplicada na análise da construção de narrativa de Pedro encontra na ficcionalização de sua trajetória a força para vencer os obstáculos inesperados encontrados em terras amazônicas pelo viés do otimismo trágico “assim que o paciente para de combater suas obsessões, procurando ridicularizá-las, tratando-se com atitude irônica, aplicando a intenção paradoxal, interrompe-se o círculo vicioso, o sintoma diminui e acaba atrofiando” (FRANKL, V. 1954, p. 84). Entendemos Pedro na situação de paciente vítima de perseguição e

múltiplas violências no mundo do trabalho com que utiliza da história oral, formas contemporâneas de Teatros do Real, como metodologia de reconstituição ficcional de sua narrativa como herói em busca de independência. Liberdade do governo Chavista, do país, moralista, mas em batalha contra princípios, que segundo ele, são sinônimos de atraso da nação. País em que Pedro busca imersão, busca conhecimento e aprendizado para vencer a realidade imposta.

Pedro: Eu poderia ter ido para o Peru, para o Chile, para a Colômbia. Mas eu escolhi o Brasil porque, para mim, os brasileiros eram sempre gente boa. [...] Na clínica eu fazia terapia (para os pacientes, ricos, é que eu também sou “quiropraxista”) para as pessoas que faziam cirurgia plástica e necessitavam deste pós-operatório estendido. Então, eram muitos brasileiros endinheirados[...]. Minhas malas foram roubadas em Boa Vista. Eu trabalhei em um mercado “O mercado do Guilherme”. Lá eu ganhava 15 reais por dia para trabalhar das 7h às 22h e eu tinha que obedecer todo mundo...Todos mandavam e desmandavam em mim.

A orientadora da pesquisa de mestrado do autor “Escrevivências Transcriativas”, a Dra. Suzi Frankl Sperber, e coautora deste artigo, pesquisa e cria o conceito Pulsão de Ficção como fator disruptivo que pode utilizar da criação como segurança para situações adversas. A construção de uma narrativa utilizando-se do personagem principal como propulsor do movimento de transformação, a partir do local (migração), para o encontro de conflitos e adversidades e a superação a partir dos estudos e da fé faz com que Pedro ratifique a pulsão de sair de um lugar nocivo para autotransformação como

mediação para o desejo de realidade, para a Vida – e não para a Morte, ou aniquilação. O mergulho nas fronteiras da ficção com o testemunho do acontecimento encontra na construção da narrativa, a partir do imaginário, criando relações, lugares, diálogos, personagens, a possibilidade de transposição para partilha em história oral como pulsão de criação.

O imaginário cria um contexto de ação, personagem, relações, projeções do vivido. Projeta o evento historicizável (diacrônico) para fora de si, em um constructo a rigor ficcional (e neste momento sincrônico). Essa ficção se estrutura de acordo com certas funções e requer uma série de instrumentos que ultrapassam o que se tem convencionalmente como discurso. Vai além da palavra (oralidade), de certa forma corporificada, e do corpo, do qual emana uma qualidade do sentir, uma energia, que se manifesta independente ou para além do movimento, isto é, da gestualidade. (SPERBER. S, 2009, p. 06)

É importante salientar que a vivência entre aulas de teatro com português, diálogos relacionados à política, novelas e costumes de Porto Alegre, nos intervalos de aula, são experiências que contribuem para o enriquecimento do processo criativo com Pedro Bravo. No momento que convidamos Pedro, setembro de 2020, para uma conversa em um parque do bairro Menino Deus, já temos 01 ano de vivência com Pedro. Ou seja, a direção para a criação de um projeto artístico pode trazer expectativas que podem, ou não, influenciar a condição de chegada do sujeito para o encontro que foi registrado e que originou a transcrição da

entrevista do dia 11 de setembro de 2020 e que se transformou no episódio dramaturgicamente Wake UP da série de audiodrama “Voz para Cumaná”.

A ficcionalização é, pois, instrumento de transferência. Não se trata de deslocamento de sentido, mas de deslocamento de sujeito. O sujeito primeiro é objetualizado (até fisicamente, através do carretel<sup>ix</sup>), enquanto o objeto, receptor, sofrente do evento primeiro, é convertido em enunciador, em narrador privilegiado, que se distancia do evento e de si mesmo, ainda que minimamente, para transformar a dor em sentido - repito, através da ficção. Assim o episódico passa a ter valor totalizante. Esse valor e sentido mais holístico - característico da ficção - constitui também e propriamente o novo conhecimento. A inteligência do evento (atribuição de sentido) depende mais de recursos que de repertório. Esses recursos são associativos: estabelecem redes de sentido entre elementos não concomitantes, organizados em torno de um relato de caráter ficcional. (SPERBER. S, 2009, p. 08)

A partir da análise da obra *Em busca de Sentido*, podemos encontrar, na narrativa de Pedro, a consciência de buscar uma razão para ser feliz, ou seja, a melhor qualidade de vida como responsabilidade para continuar sobrevivendo através do que ele acredita ser digno, ou da altura de sua necessidade, fazendo com que se altere a realidade, como obtendo novos conhecimentos praticando a oralidade (um ato), experimentando algo (a sobrevivência e a vivência na cultura brasileira - transformando a atitude agressiva e violenta que recebe no local de chegada para problematizar o limite do altruísmo, ou da aceitação de obediência.



As técnicas da logoterapia são encontradas na metodologia narrada e presenciada por Pedro. A tradução da experiência de testemunhas dos relatos em história oral através da transcrição de uma entrevista mediada pelo gravador de um smartphone, encontra, na “deficiência da sentença absoluta” (CAMPOS, 2011, p.16) de partilhar o ser que vivenciou esses caminhos e que sente a situação atual para as palavras digitadas no documento word.

Às vezes você tem que deixar a coisa distante, imperfeita com a plena consciência de que está imperfeita, por uma questão de deficiência da língua, que é instrumento que, se usa, ou por uma questão de deficiência da sensibilidade que é a força que reúne os elementos. A melhor tradução é a que mais se aproxima das qualidades do original, é essa a resposta. (CAMPOS, 2011, p. 73)

É neste entre espaço que “Voz para Cumaná” acontece. É a partir da curiosidade do sujeito ator protagonista do episódio que nasce a transcrição através da ficcionalização do restante. Assim, a tradução (da vivência, aqui informação estética segundo Max Bense) “operaria sobre o que não é linguagem num texto, ou seja, sobre o resíduo não linguístico do processo de significação... (CAMPOS, 2011. p. 16). Se, para o Dr. Frankl o sofrimento “deixa de ser sofrimento no instante em que encontra um sentido, como o sentido de um sacrifício” (1954, p. 76) há no altruísmo a metodologia de responsabilizar suas atitudes independente da moral estabelecida pelo meio, aqui, um campo de concentração. Tomar consciência de uma possibilidade contra o pano de fundo da realidade serviu também como auxílio ao próximo também como resistência ao ambiente.

Lembro-me que um dia um capataz (não-prisioneiro) furtivamente me passou um pedaço de pão. Eu sabia que ele

só podia tê-lo poupado da sua merenda. O que me derrubou a ponto de derramar lágrimas não foi aquele pedaço de pão em si, e sim o afeto humano que esse homem me ofereceu naquela ocasião, a palavra e o olhar humanos que acompanharam a oferta... (FRANKL, 1954, p. 93)

O medo e a resiliência transitam na narrativa de Pedro e são transcritos junto à dramaturgia do segundo episódio de “Voz para Cumaná”. Pedro, sendo vítima das violências, relata o processo de tentar entender o auxílio ao próximo estando em vulnerabilidade social. A identificação do ente venezuelano para com o personagem “brasileiro” dá espaço ao combate interno, ao tentar compreender os próprios limites em prol dos princípios apreendidos como certos em detrimento da nova realidade encontrada. A pulsão de ficção acontece na medida que o personagem de Pedro se desloca da narrativa, traduzindo a informação semântica de Max Bense, opinando na medida que narra a situação de “fora da cena”, em detrimento da condução moral do acontecimento.

A interpretação da efabulação por parte do receptor exige nova transferência. Dependerá de um receptor que atribua sentido a todo o conjunto de elementos que serviram para a estruturação da efabulação e o seu sentido dependerá do repertório disponível no receptor. A literalidade, a estreiteza, o limite de eventuais interpretações não darão ao evento o alcance que ele assumiu para o emissor. A amplitude de um lado e a estreiteza de outro não mudam o fato em si; isto é, revelam a força do impacto do evento no emissor e como suas repercussões despertam ou acionam a pulsão de ficção. Então, as repercussões são expressadas através de jogo,

corporeidade e palavras, construção de imagens representáveis, que constroem uma representação ficcional feita de imaginário e simbologia. A recepção deficiente pode até afetar – quando a interpretação qualifica ou desqualifica o emissor – as manifestações deste emissor, mas não conseguem anular a amplitude virtual de suas manifestações, a qual permanece. (SPERBER. S, 2009, p. 09)

Ao presenciar o dia da entrevista com Pedro, ao vivenciar meses de aulas de português com teatro e ao conhecer Pedro, o autor, junto ao grupo de trabalho, experimentam a função de receptores desta vivência. Resultou uma narrativa composta de acontecimentos sintetizados em pouco mais de 01 hora de registro sonoro em gravador portátil que não traduz mais de 40 anos de experiências. Não traduz o tempo de vivência em solo brasileiro. E é nesta lacuna temporal que o trabalho dramaturgico experimenta a transcrição. Os estudos de Haroldo de Campos trazem da impossibilidade de tradução de sentença absoluta (CAMPUS apud FABRI, 2011 p. 16) a tentativa de criação externa ao original, em busca, talvez, até mesmo do oculto que se encontra no original – como a partir dos olhares de Walter Benjamin na obra “A Tarefa do Tradutor”. Os estudos transcriativos são necessários na medida em que a Pulsão de Ficção trazida por Pedro preenche de possibilidades histórias, desfechos, personagens e acontecimentos que a obra original (seria a gravação da entrevista ou toda a vivência de mais de 1 ano com Pedro?) não dá conta de contar.

A tradução apontaria, para Fabri, o caráter menos perfeito ou menos absoluto (menos estético, poder-se-ia dizer) da sentença, e é nesse sentido que ele afirma que “toda tradução é crítica”, pois “nasce da deficiência da sentença”, de sua insuficiência para valer por si mesma. “Não se traduz o que é

linguagem num texto, mas o que é não linguagem.” “Tanto a possibilidade como a necessidade da tradução residem no fato de que entre signo e significado impera a alienação.” (CAMPOS, 2011, p. 17)

A série de audiodrama “Voz para Cumaná: a construção de uma dramaturgia a partir do testemunho de venezuelanos refugiados no Sul do Brasil” possui três episódios. Três histórias de três imigrantes refugiados que trabalham como atores neste projeto contemplado pela lei emergência de auxílio à cultura pela pandemia de covid-19. Este trabalho encontra na obra “Em Busca de Sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração” a logoterapia como uma possibilidade de compreensão do encontro com Pedro Bravo Louzada em nossa trajetória. Os estudos em tradução de Haroldo de Campos auxiliam na transformação de nosso processo criativo para compartilhar com mais pessoas as memórias migratórias de nossa América Latina. A pulsão de ficção criada pela profa. Dra. Suzi Frankl Sperber possibilita experimentarmos processos criativos mediados por experiências narrativas a partir da história oral e da construção dramatúrgica híbrida ao testemunho de pessoas, de sorrisos, choros, medo e resiliência.

(MUITOS SONS DE VENTO, LEMBRAM PRAIA – sons de pássaros)

Bairro Menino Deus, praça pública, Porto Alegre - RS.

11/09/2020

(Gabriel: Eu acho que a gente nunca se apresentou, né...)

Pedro: Meu nome é Pedro Rafael Lozada Bravo; eu tenho 41 anos, fiz agora 31 de agosto [...]

(Clóvis: tu chegou a saber qual a visão que os brasileiros têm dos venezuelanos?)

Sim. Brasil tiene más de 200 millones de habitantes. Y eso es como un punto de partida para desarrollar un pensamiento. La generalización es muy ruin, yo no podría generalizar que un porcentaje alto de los brasileiros tienen raiva contra los venezolanos porque no es. ¡Más yo puedo falar que o brasileiro é desconfiado! É muito desconfiado. É difícil encontrar um brasileiro que esteja confiando 100%. Para mi ha sido difícil. Mas acho que está certo, não dá pra confiar em todo mundo. Mas el brasileiro é desconfiado por natureza e por cultura. Esta errado e no esta errado. No culpo a ninguém. Mas si, el brasileiro tem uma cultura aproveitadora, sabe? O brasileiro se aproveita do mesmo brasileiro. Como passar a perna, né? Ele não esta nem aí para família, se vai ficar sem emprego... Só na sucata... Tipo, onde eu trabalho, tem um cara que só enrola. Ele no tá nem aí se empresa sobe ou cai e dai eu falei pra ele “cara, olha, estamos em plena pandemia, la empresa no está recebendo ingreso, porque esta se sustentando com o que previu para el año. Eso significa que se ela no ganhar dinheiro esse ano, não vai ter como continuar a empresa. Então a gente tem que dar 100% agora para que a empresa funcione.

- “Ah, não to nem aí”.

Sabe, não entende... Tem outro cara, a mulher trouxe umas coisas pra vender... Ela tá necessitando em casa e fez bolo

pra vender. O cara pega o bolo e não pagou. Quando perguntaram ele disse “ah, no lo pagué mismo.”

Cara, pela fé!!! Tu no está nem aí para esta senhora, que está em una situación crítica.

Otro cara, alugô uma habitación, por 3 meses, no pagó ningún centavo y ya está se mudando. No paga nada e se muda; faz sempre assim. O cara que tem o gato, tem o gato y no paga electricidad. No sabe como isso vai afetar la comunidade; él no ta nem aí. La cultura é essa: passar a perna! Roubar e roubar. (Clóvis: já ouviu falar sobre o Brasil se tornar uma Venezuela?)

Já, el brasileiro tiene miedo de uma caída tan drástica, como em la Venezuela que ficô, así, no chão. Venezuela estava arriba de todos los países sudamericanos, todos. Economia, salud, turismo (las playas más lindas son de Venezuela, “Las Margaritas” llaman de playas del Caribe). Pero para muchos brasileiros la Venezuela no presta, son ladrones... É perigoso... Bom, tem como eu falei, a princípio, vários critérios... Mas não podemos generalizar. El brasileiro pensa asi... (telefone de Pedro toca).

## REFERÊNCIAS

BAENINGER, Rosana & Silva. João Carlos Jarochinski (coord.) *Migrações Venezuelanas*. Campinas: Unicamp, 2018. Disponível em:

[https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/mig\\_venezuelanas/migracoes\\_venezuelanas.pdf](https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/mig_venezuelanas/migracoes_venezuelanas.pdf)

BAENINGER, R.; BELMONTE DEMÉTRIO, N.; MAGALHÃES FERNANDES, D.;

DOMENICONI, J. “Cenário das migrações internacionais no Brasil: Antes e depois do início da pandemia de covid-19. *Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano*, v. 4, 14 maio 2021. Acessado outubro 30, 2021.

<http://revistatdh.org/index.php/Revista-TDH/article/view/89>.

BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não-atores*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CAMPOS, Haroldo de. “Da tradução como criação e como crítica”. In: *Congresso Brasileiro De Crítica E História Literária*, 3, 1962, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: UFPB, 1962.

CAMPOS, Haroldo de. *Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora*. Belo Horizonte: FALE UFMG, 2011. Disponível em: [https://www.academia.edu/15390256/Da\\_Transcri%C3%A7%C3%A3o\\_poetica\\_e\\_semi%C3%B3tica\\_da\\_opera%C3%A7%C3%A3o\\_tradutora](https://www.academia.edu/15390256/Da_Transcri%C3%A7%C3%A3o_poetica_e_semi%C3%B3tica_da_opera%C3%A7%C3%A3o_tradutora)

FRANKL, V. E.. *Em Busca de Sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração*. Trad. Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. Porto Alegre: Sulina; São Leopoldo: Sinodal, 1987.

FONTOURA, G. & Massa, C. “Série de Audiodrama ‘Voz para Cumaná: a construção de uma dramaturgia a partir do testemunho de venezuelanos refugiados no Sul do Brasil’”. “#02 Wake up ou como acordar para o amanhã”. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WhpiOu9bdWM>

MORENO, Ana Carolina. ONU lança cartilha de ensino de português para refugiados no Brasil. São Paulo, SP. 29 de dezembro de 2015. G1.globo.com disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/12/onu-lanca-cartilha-de-ensino-de-portugues-para-refugiados-no-brasil.html>

SPERBER, Suzi Frankl. *Ficção e Razão. Uma retomada das formas simples*. São Paulo: Hucitec-Fapesp, 2009.

SPERBER, Suzi Frankl. *Efabulação e Pulsão de Ficção*. 2009. Disponível para acesso em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/download/8636168/3877/5831>

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o Teatro*. Tradução Ingrid Koudela, S.P.: Ed. JOGOS TEATRAIS: O FICHÁRIO DE VIOLA SPOLIN Tradução: Ingrid Koudela. S.P.: Perspectiva, 2001

<sup>i</sup> Mestrando no Programa de Pós Graduação Artes da Cena (PPGAC) pertencente a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Licenciado com graduação em Teatro realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) é autor da série de audiodrama Voz para Cumaná publicada na Mostra Estudantil do 28º Porto Alegre em Cena e indicada Melhor Podcast Nacional na programação oficial do Rio Web Fest 2021. Gabriel possui interesse em dramaturgia, tradução, educação social e produção cultural. Contato disponível em g221041@dac.unicamp.br

<sup>ii</sup> Atualmente é professora titular e professora colaboradora da Universidade Estadual de Campinas, foi coordenadora do NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISAS Teatrais - LUME por treze anos (até sua aposentadoria compulsória), membro do conselho editorial de: Ilinx - Revista do Lume, - Mafuá (Florianópolis), foi membro do conselho editorial da Revista ABP - Afrika Asien Brasilien. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, literatura comparada, hermenêutica, Guimarães Rosa, teatro - pesquisa e ação dramática, "Dramaturg". Credenciada como docente e orientadora no Instituto de Estudos da Linguagem (Departamento de Teoria Literária) e no Instituto de Artes (Departamento de Artes Cênicas) - UNICAMP. Contato disponível em: sperbersuzi@hotmail.com

<sup>iii</sup> Série de audiodrama disponível para acesso em:

<https://open.spotify.com/show/1dB1JNv4s28Mo895dS99m?si=d22202baa46c4520> ou

<https://www.youtube.com/channel/UChaywQnw6Eb2s5Kg59Mimyw>

<sup>iv</sup> Episódio disponível para acesso em <https://www.youtube.com/watch?v=WhpiOu9bdWM> ou em <https://open.spotify.com/episode/0DdR6vhafyyUmMCi02AxzA?si=ZSCyguNpSzm4WGKUuAOuW>

<sup>v</sup> Chico Máx, é fotógrafo e autor da exposição "La Jornada" protagonista do artigo "LA JORNADA - a resiliência do povo venezuelano em busca de refúgio no Brasil" e presente na obra Migrações Venezuelanas.

<sup>vi</sup> Fragmento de entrevista realizada no dia 11 de setembro de 2021, com Pedro Bravo e Clóvis Massa, no bairro Menino Deus em Porto Alegre/RS. O episódio 02 "Wake Up ou como acordar para o amanhã" utiliza do registro sonoro, na íntegra, como inserção dramática e encontra-se disponível para acesso ao longo do episódio. Tudo que "parecer errado" em português, ou espanhol, mantém fielmente a transcrição da entrevista. (N/A)

<sup>vii</sup> Pesquisa Impactos da Pandemia de Covid-19 nas Migrações Internacionais no Brasil. Grupo interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Direitos Sociais e Migração (GIPE) e do Grupo de Distribuição Espacial da População (GEDEC) - PUC MINAS/Observatório das Migrações em São Paulo - NEPO/UNICAMP, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), maio a julho de 2020. (BAENINGER; FERNANDES, 2020, p.458)

<sup>viii</sup> Do alemão "espiritualidade" (N/A)

<sup>ix</sup> O carretel é referência à cena descrita por Freud, em que seu neto, para dar conta da frustração da partida da mãe, joga um carretel amarrado a uma linha ou barbante e repete "fort/da" (= para lá/para cá, ou foi-se/aqui). Tal referência foi o ponto de partida para *Para além do princípio do prazer*. E, para Sperber, para o conceito de pulsão de ficção.